

Ígnea - Gabriella Marinho

O que vem do fogo, cor do fogo. Quente, ardente. Assim, etimologicamente, definimos o conceito de ígnea: processo de transformação pelo fogo de elementos minerais e, como resultado, a solidificação de frações rochosas. A presença das materialidades advindas desse processo nos apresenta uma série de reflexões acerca da própria ideia de tempo e das relações com as diversas possibilidades de tecnologias manuais e ancestrais, sob o arcabouço e traço das encruzilhadas entre corpo, memória e espaço.

Desde os primórdios de uma das perspectivas do que se entende por "histórias das artes", o fogo tem sido um agente de mudança, essencial para a criação de cerâmicas, revelando um lugar dicotômico, situado entre o utilitário e o estético. Quando modificamos a nuance e o lume das referências ao olhar simbólico e existencial, em especial para as perspectivas jeje-nagô acerca da criação humana, apontamos para Nanã, que, em iorubá, traduz-se como "*raiz*", simbolizando aquela que está no interior da terra. Logo, a própria interação com a lama, com o barro, se dá numa ante-história não - ocidental, baseada na concepção do existir e no ato de modelar, manipular e transformar a lama, o barro e a argila das quais são feitos os corpos e as corpos humanas.

Condensando uma experiência particular de suas memórias, vínculos intrafamiliares, de ancestrais e de ancestralidade, com especificidades de suas vivências cunhadas em seu fazer artístico, **Gabriella Marinho** direciona e molda sua instalação **Ígnea** no Projeto Janelas da Abipará. Como mote para reflexões sobre os cenários que a manipulação do fogo e das materialidades — por um lado primitivas pelo contexto ancestral da matéria e, por outro, com alto rigor tecnológico no equilíbrio das altas e baixas temperaturas a que são submetidas — dispostas em um conjunto de ações acopladas em suportes de sisal e palha da costa. Numa construção escultórica desses elementos, criando imersões, empilhamentos e suspensões, o convite é para adentrar a espacialidade em observações angulares, opostas e suspensas, onde a matéria é esculpida e tecida no tempo e na costura do espaço, com atenção à soma de cada parte gentilmente organizada na construção da obra apresentada em seu ensejo e compleição.

Texto curatorial: Thayná Trindade